

## A CAMINHO DO CENTENÁRIO DE DOM HELDER

D. Waldyr Calheiros\*

Meus irmãos e irmãs,

Atendendo, com alegria e satisfação, ao convite de Dom Genival Saraiva, Bispo de Palmares e Secretário do Regional Nordeste 2 da CNBB, em nome dos irmãos bispos, para esta celebração, sugeri-me falar sobre a presença de Dom Helder no Concílio Vaticano II que foi o maior acontecimento do século XX para a Igreja e para o Mundo. Para a Igreja que se abriu para o Mundo: “abrir as janelas para entrar um ar renovador” e para o Mundo que viu uma Igreja: “solidária com o gênero humano e com sua história”. (G. S. I.)

Na realização de um concílio vários secretários, comissões e consultores trabalham na elaboração dos diversos temas, esquemas e sugestões dos textos oferecidos aos padres conciliadores e debatidos na aula conciliar para aprovação final. É o ritual.

Paralelamente aos Bispos, grupos procuram estudar os vários temas. Os grupos eram livres e não criados pelo concílio. Aqui foi o campo de trabalho de nosso Dom Helder.

Ele não se destacou com intervenções públicas na aula conciliar. Em uma de suas cartas circulares de número 13 ele escrevia: “Quanto a mim, o que mais me alegra é que não aparece o que vem sendo feito pelo Concílio e pela Igreja. *Não falo no plenário, não pertencço a nenhuma comissão. Bem na nossa linha, na linha profunda de nossa vocação*”. Esta citação foi extraída do livro *Vaticano II: Correspondência Conciliar* do Prof. Luiz Carlos Luz Marques, belíssimo trabalho que, como José Oscar Beozzo em seu livro “A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II” nos revelam a atuação do episcopado brasileiro no evento.

Vou me deter em alguns fatos que nos revelam a atuação marcante de Dom Helder.

1) Chegando ao Concílio ele era o Secretário Geral da CNBB e 1º Vice Presidente do CELAM. Essa sua posição lhe credenciou procurar os outros 22 Secretários das outras Conferências Episcopais propondo um encontro.

---

\* Bispo da Diocese de Barra do Pirai e Volta Redonda – RJ.

Deste participavam bispos e cardeais desejosos de uma renovação da Igreja conforme o mesmo desejo de João XXIII que convocou o Concílio.

O encontro se tornou semanal. A presença assídua do Cardeal Leo Suenens, um dos quatro *"moderadores"* criou um clima fraterno e sereno. O Cardeal Tucci, também participante, disse que o Papa tinha conhecimento do encontro e de seu objetivo: *estudar os temas, os textos e as propostas concretas a serem votadas na aula conciliar.*

Os encontros se tornaram "os canteiros de obra" da construção do Vaticano II. O "mestre de obras" era Dom Helder.

Tinha razão o Cardeal Suenens, em seu livro "Lembranças e Esperanças" afirmar: *"Dom Helder teve **um papel considerável** no Concílio ... animou um regular encontro com 20 bispos europeus e sul-americanos. Isto valeu mais de uma vez, os votos maciços de nossas teses."*

O Cardeal Tucci chamava os encontros de "Conselho Reduzido" e o nosso Dom Helder de "O Ecumênico".

Era da sua pedagogia evangelizadora não trabalhar isoladamente, mas em grupo. Assim foi como assistente nacional da Ação Católica. Seu sonho era ver os bispos juntos rezando, estudando e definindo o trabalho conjunto de evangelização. Conseguiu. Com seu empenho foi criada a CNBB em 1952, dez anos antes da convocação do Vaticano II.

Não diferente é o CELAM... São dois espaços de exercício da *colegialidade*: um nacional e outro continental. O precioso "Documento de Aparecida" é um de seus frutos.

É no trabalho colegiado que os Bispos como *sucessores do Colégio dos Apóstolos* devem exercer o seu ministério episcopal.

Aí se sente a responsabilidade por toda Igreja de Cristo que não se reduzi às Dioceses. A responsabilidade com toda Igreja não nos fechando à Diocese; aprendemos a superar nosso individualismo; saímos de nosso isolamento; libertamo-nos da tendência humana e histórica do monarquismo, e se toma consciência que somos servidores e não senhores da Igreja da Trindade.

2) Geralmente as Conferências Episcopais, os Cardeais e alguns Bispos levam seus assessores além dos nomeados para várias comissões. Não se

discute a riqueza de cada um em sua especialidade. Agora, imaginem um encontro dos bispos e cardeais juntos com Yves Congar, Karl Rahner, Schillebeks, Joseph Ratzinger, Hans Kung, estudando e debatendo os temas e propostas para definição na aula conciliar! Para nós bispos, sempre absorvidos em nossos trabalhos pastorais e desgastados com as preocupações administrativas, sem tempo de uma reciclagem, inspirava certa segurança com o novo na teologia, bíblia, liturgia e outras ciências. Estes encontros foram possíveis pela articulação de nosso Dom Helder e se tornaram semanais. Ele dizia que era uma "Obra dos Anjos".

3) O episcopado ficou, em sua maioria, hospedado na "Domus Mariae" bem vizinho ao Colégio Pio Brasileiro. Dom Helder, com a ajuda do Pe. Antônio Guglielmi, brasileiro, também perito do Concílio, articularam uma série de conferências com grandes teólogos presentes. Ao todo formaram 94, durante as quatro sessões. Eram realizadas onde nos hospedávamos, facilitando a participação que era livre e aberta. Os estudantes do Pio Brasileiro sempre frequentavam. Foi um verdadeiro curso universitário, com seletos mestres em teologia, escritura sagrada, direito, liturgia e temas atuais. Isso nos ajudou muito na compreensão e votação dos documentos conciliares.

Nem todos os bispos assistiam. Tinham dificuldade com a renovação que se apresentava.

Ficaram célebres estas conferências. Mereceu na aula conciliar uma comunicação do Secretário Geral do Concílio que as conferências não eram "oficiais". O Cardeal Prefeito da Congregação dos Seminários proibiu os seminaristas assistirem. Que beleza de Igreja onde o Espírito se revela nessas brechas de nossa comunicação!

4) Já existia uma preocupação com o problema dos pobres. Os padres operários que viviam trabalhando como operários, com sua mística da pobreza na França. A família da espiritualidade do Pe. Carlos de Foucault, formada pelo Pe. Voillaume vivendo como pobre no meio dos pobres nas periferias das cidades, com os indígenas, nas favelas e ao mesmo tempo trabalhando com eles, expressam bem sua preferência pela evangelização dos pobres.

Ao chegar para 3ª sessão (1964) fui convidado para assistir um encontro no Colégio Belga. Participavam uns 12 bispos brasileiros e de outros países. O encontro era sobre "A Igreja dos Pobres" com o Pe. Paul Gauthier. Ele nos contava sua experiência com uma pequena comunidade no meio dos pobres em Nazaré nos *Kibutz*. Vários bispos, tendo Dom Helder como animador e teólogos de renome com Pe. Yves Congar, K. Rhaner e outros da "Obra dos Anjos", acompanhavam o grupo.

Este grupo, ao final do Concílio, reuniu-se numa das catacumbas para juntos celebrarem a Eucaristia. No final, assinaram um compromisso com os pobres. Outros 500 bispos assinaram o documento.

Na realidade o tema da pobreza era simpático, mas não chegou a ser tratado a fundo e nem constou da pauta do Concílio. O próprio Papa Paulo VI pediu a Dom Ancel, Bispo e operário que estudasse e apresentasse sugestões para simplificar as vestes episcopais. Seu gesto, como Papa, trocando a "tiara", tríplice coroa de ouro, por uma simples mitra igual à de seus irmãos Bispos, foi um gesto de simplicidade e despojamento. Vendeu-a e enviou a importância para os pobres da Índia. Em outra ocasião deu como lembrança aos Bispos um anel episcopal simples com a figura de Cristo, Pedro e Paulo em vez de pedra preciosa. Trocou seu báculo dourado por um simples com a imagem do Crucificado. Os gestos eram gritantes: não ostentar riqueza, apelos claros à simplicidade.

Em um de seus encontros pessoais com Paulo VI no Vaticano, confidenciou-me Dom Helder, teve a liberdade de dizer: "Santo Padre, quando vamos ver o Papa entregar esta grandeza ao Estado (um museu) e ir morar em apartamento, na periferia de Roma? Paulo VI respondeu-lhe: Helder, isso aqui é 'de ouro', mas é uma gaiola. Sou um prisioneiro".

O profeta pergunta à Igreja, como questionava a organização injusta da sociedade concentradora e não solidária...

Por amor a Igreja ele trabalhou incansavelmente para que sua face renovada no Vaticano II revelasse ao Mundo que a salvação já chegou. "O Reino de Deus já chegou até vós" (Lc. 10,9) e que "Deus amou tanto ao Mundo que entregou seu Filho... para que o Mundo seja salvo por meio dele". (Jo. 3,10)